

Centro Ruth Cardoso
Ciclo Juventudes
Comitê Sociabilidades
Constituição de coletivos de jovens – Reunião 2

*A partir de um processo de redesenho de seus propósitos e linhas de ação, o Centro Ruth Cardoso (CRC), abarcado pela Fundação Fernando Henrique Cardoso, passa a investir na consolidação de seu papel como um polo de geração e disseminação de conhecimento. Para tal, o CRC reuniu pessoas atuantes na academia, em movimentos sociais e nas diferentes linguagens artísticas para pensar temas contemporâneos, produzindo materiais que sistematizam e compartilhem as análises e reflexões geradas nesses encontros. A temática a ser explorada no primeiro ciclo é **Juventudes**, dividida em três vertentes: atuação política, construção de identidade e sociabilidades.*

*Este documento registra e organiza o conteúdo principal do debate **Constituição de coletivos de jovens – parte 2**, realizado em 30 de setembro de 2021, no âmbito do **Comitê Sociabilidades**.*

Pessoas que pesquisam o tema interessadas em ter acesso ao registro audiovisual completo do debate podem entrar em contato pelo e-mail: crc@centroruthcardoso.org.br.

CONVIDADOS

- **ÁTILA FRAGOZO:** é artista visual e poeta urbano. Integra diversos coletivos de arte em São Paulo (SP), entre eles: Paulestinos, que espalha lambe-lambes poéticos pela cidade; Pagode na Lata, que promove uma roda de samba em meio ao fluxo de usuários na Cracolândia; e Birico, que reúne artistas para viabilizar ações na região da Luz;
- **CARMEN LOPES:** é assistente social e líder comunitária na região da Luz, em São Paulo (SP), atuando com a população em situação de rua. É fundadora e coordenadora do Coletivo Tem Sentimento, projeto que proporciona geração de renda para mulheres cis e trans que vivem no território por meio da produção têxtil;
- **SATO DO BRASIL:** é diretor de arte, *designer* gráfico, cenógrafo, fotógrafo, jornalista e ilustrador. Integra diversos coletivos dedicados à intervenção urbana em São Paulo (SP), tais como: casadalapa, voltado à ocupação do espaço público; Frente 3 de Fevereiro, focado em discutir o racismo; Jornalistas Livres, rede colaborativa de jornalismo pautado nos direitos humanos; Aparelhamento, que atua em apoio a movimentos de moradia; e Birico;
- **BAIXO RIBEIRO** (mediação): é fundador do Choque Cultural, centro de pesquisa e inovação nas artes visuais que promove movimentos artísticos periféricos e a inclusão de novos públicos no circuito da arte contemporânea. Em 2011, fundou o Instituto Choque Cultural, dedicado à pesquisa e ao desenvolvimento de novas metodologias educativas por meio da arte. É membro do Conselho Consultivo do CRC.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

- Como trazer os jovens para a atuação política e o engajamento comunitário? Quais temas motivam essa aproximação?
- Se pudéssemos tipificar o coletivo, qual seria a definição mais adequada? Onde começa e onde termina um coletivo?
- O que une um conjunto de pessoas em torno de um coletivo? São intervenções imediatas e pontuais ou existem propósitos de longo prazo?
- Há articulação e a constituição de redes entre os diferentes coletivos?
- Como os coletivos trabalham a linguagem da defesa de direitos nas suas ações? Há uma preocupação em evitar certas palavras e termos já carregados de significado político ou essa necessidade não é sentida?
- Para além das redes sociais e das interações *on-line*, qual é a importância da mobilização feita no “corpo a corpo” pelos coletivos dentro dos territórios?

DEBATE

AFINAL, O QUE SÃO COLETIVOS?

- Grande diversidade de formatos, propósitos e modos de atuar: não parece haver uma definição estabelecida para coletivos, reflexo de sua natureza flexível e mutável.
- Ainda assim, alguns aspectos são frequentes:
 - Propósito como ponto focal: em termos gerais, pessoas se reúnem em coletivos motivadas por um mesmo objetivo – explorar uma determinada linguagem artística ou solucionar problemas de um território específico, por exemplo;
 - Informalidade: coletivos costumam se manter abertos à entrada e à saída de integrantes, sem o caráter “engessado” que marca a estrutura – inclusive jurídica – das organizações não governamentais (ONGs);
 - Descentralização: coletivos tendem a adotar processos horizontais de tomada de decisão, sem a figura clara de uma liderança.

“Os coletivos são muito diferentes entre si. Até a nomenclatura foi usada para um monte de coisa. Se formos pensar, ‘coletivo’ é um monte de gente junto. Pode ser uma frente, um grupo, uma companhia, no caso de trabalhos cênicos. Também a construção deles, para que eles funcionam, como eles funcionam, tudo é muito diverso. Existem coletivos com um

direcionamento muito claro, como a Frente 3 de Fevereiro, que discute o racismo. No caso do Birico, foi um coletivo formado a partir da crise [da pandemia de COVID-19].” – SATO DO BRASIL

“Talvez o que diferencie o que estamos chamando de ONG do que estamos chamando de coletivo seja, primeiro, a informalidade. O coletivo traz uma vontade de não se formalizar, de se manter aberto a novas formações, à saída e à entrada de pessoas. Ou seja, dentro de um coletivo o comprometimento está mais com o propósito, seja um coletivo de arte ou com um propósito social específico.” – BAIXO RIBEIRO

- Três experiências na cidade de São Paulo:
 - Birico: coletivo de artistas e pessoas atuantes na região da Cracolândia que tinham projetos próprios no território e decidiram se unir para responder às urgências colocadas pela pandemia. Para financiar suas ações, o coletivo realiza vendas periódicas das produções de cerca de 40 artistas, distribuindo o valor arrecadado em duas frentes: 50% é dividido de maneira equânime entre todos os artistas, independentemente do nível de reconhecimento individual no mercado de arte; e 50% é investido em ações como a compra de um contêiner para abrigar o Coletivo Tem Sentimento e o pagamento de aluguel para oito pessoas antes em situação de rua. O coletivo também opera uma gráfica e mantém parcerias com instituições como o Sesc Bom Retiro, onde foi realizada uma exposição sobre o trabalho do grupo;
 - casadalapa: criado há 15 anos, o coletivo começou como um grupo de artistas que dividiam um mesmo imóvel. Com o tempo, laços de trabalho se formaram entre os integrantes, levando a um terceiro momento de produções do coletivo enquanto um grupo em pautas ligadas aos direitos humanos. Um dos projetos é a Casa Rodante, ateliê montado na carroceria de uma caminhonete que estaciona em pontos da cidade para realizar oficinas artísticas e estabelecer interlocuções com a população. Diante do desmonte das estruturas públicas de apoio à arte, de um lado, e do impacto da pandemia, de outro, o coletivo passa agora por um processo de reconstrução, adotando um modelo de “coletivo de coletivos” ao agregar diferentes grupos;
 - Coletivo Tem Sentimento: fundado no contexto do programa De Braços Abertos, instituído como política pública para a área da Cracolândia na gestão do ex-prefeito Fernando Haddad (e interrompido na administração seguinte, de João Doria), o coletivo se dedica à geração de renda para mulheres cis e trans por meio da produção têxtil, em especial a partir da ideia de “moda líquida”, isto é, peças únicas sem modelagens previamente determinadas nem linha de produção. O coletivo possui uma oficina própria abrigada pelo Teatro de Contêiner Mungunzá, na região da Luz.
- As experiências apresentadas ensinam que:
 - Para que o propósito seja cumprido, é fundamental que os coletivos construam uma relação estreita com o território. Para tal, é preciso: aprender as dinâmicas e linguagens

- locais para atuar de acordo; ter flexibilidade para se adaptar às questões colocadas pelo território; e apostar naquilo que aproxima – e não no que diferencia – os diferentes atores presentes no espaço;
- Graças à independência, à agilidade e à capacidade de se reinventar, os coletivos se mostram resilientes e criativos em momentos de crise, aptos a responder a demandas emergenciais, como evidenciou a pandemia;
 - Por sua natureza dinâmica e flexível, os coletivos têm grande poder de mobilização e articulação de redes, servindo de ponto de convergência entre atores tão distintos quanto poder público, grupos religiosos, organizações da sociedade civil, empresas e moradores dos territórios.

"A gente que trabalha na rua com projetos de convivência – porque direito à cidade é convivência –, a primeira coisa é que você tem que conhecer quem são as pessoas que estão nesse território, conhecer o próprio território, a história dele, os meandros, até a criminalidade desse território. A Carmen Silva, do Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC), fala que a rua tem níveis de poder dentro das camadas mais baixas e que você tem que conhecer quais são esses poderes populares, respeitá-los e entendê-los como linguagem também, para você saber se comunicar nesse lugar." – SATO DO BRASIL

"Na pandemia, a gente começou a trabalhar no Teatro de Contêiner [Mungunzá] distribuindo marmitas. Começamos por conta, cozinhando junto com a galera da Igreja Evangélica. Aí, o Teatro de Contêiner fez uma articulação com a Secretaria de Direitos Humanos e conseguiu emendas [parlamentares] de alguns políticos. Foram compradas marmitas de restaurantes do entorno da Cracolândia para também gerar renda para eles. A partir disso, fomos tendo demandas emergenciais, como máscaras, e a gente não tinha como comprar porque no início da pandemia não existia máscara no mercado. Então, junto com o Coletivo Tem Sentimento, pensamos em costurar máscaras [de tecido]. A gente estava fazendo uma parceria de lances informativos para a Médicos sem Fronteiras, e perguntamos: como podemos dar uma máscara segura para essa população [em situação de rua] que não seja descartável? Então, compramos uma máquina de lavar e secar. Durante a distribuição de marmita a gente recolhia a máscara das pessoas, distribuía máscaras novas, alguém do coletivo lavava [as máscaras usadas], outra pessoa passava e aí a gente fazia tudo de novo." – ÁTILA FRAGOZO

"O que me impressiona no depoimento de todos é a capacidade de se virar, a criatividade para lidar com situações muito difíceis – como nos tempos recentes, com a pandemia, além dos problemas políticos nacionais, que exigiram mudanças muito rápidas. A capacidade de articular, de encontrar apoio, mesmo que seja momentâneo, tudo isso já é parte do modo de operação desses coletivos." – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

- Entre os desafios enfrentados pelos coletivos, destacam-se:
 - Formas equivocadas de desenvolvimento e condução do coletivo, o que pode acabar levando à sua dissolução;
 - “Institucionalização forçada”: em determinado estágio da trajetória do coletivo, as exigências de formalização se impõem, como na assinatura de contratos e no recebimento de pagamentos – “Depois que estouramos dois CPFs, pensamos: ‘Talvez a gente precise de um CNPJ’”.

“Eu sinto que a gente tem que entender quem são os integrantes para entender como o coletivo pode funcionar, traçar estratégias e formatos que possam se estabelecer, dando força às próprias potências desses artistas. E é sempre muito importante a gente entender por qual momento estamos passando. Nos coletivos que são muito estanques, com uma estrutura muito fechada, isso pode ser um ponto negativo.” – SATO DO BRASIL
- Importância de espaços de troca entre as diferentes experiências, compartilhando erros e acertos para potencializar a força dos coletivos enquanto uma ferramenta de transformação de mundos.

ATRITOS E POTÊNCIAS: A RELAÇÃO DOS COLETIVOS COM AS DEMAIS INSTITUIÇÕES

- Coletivos e o poder público:
 - Diante da insuficiência de políticas públicas de apoio à arte e à cultura – como editais e auxílios emergenciais –, a auto-organização em coletivos se coloca como uma saída para que artistas se mantenham;
 - Em determinadas pautas ou territórios, coletivos acabam por ocupar um vácuo deixado pelo Estado (como evidencia a atuação na Cracolândia, onde a presença estatal se dá majoritariamente pela via da repressão policial). No entanto, é preciso clareza de que os coletivos não têm os recursos nem a obrigação de substituir o Estado;
 - Capacidade dos coletivos de pensar soluções inovadoras e adaptadas às especificidades dos territórios não costuma encontrar eco entre as instâncias encarregadas de desenvolver e implementar políticas públicas;
 - Não raro os próprios coletivos são alvo de repressão por parte do Estado. Exemplos: proibição pela polícia da realização de ações durante a pandemia, como a distribuição de água e alimentos para a população em situação de rua na região da Luz; violência física contra integrantes de coletivos durante operações policiais na Cracolândia; criminalização de coletivos e ativistas que defendem estratégias de redução de danos no uso de drogas, como uma ação criminal movida em 2020 pelo vereador e integrante do Movimento Brasil Livre (MBL) Rubinho Nunes contra o coletivo A Craco Resiste.

"No caso do Birico, na crise em que todos esses artistas estavam e com alguns projetos destruídos por não existir mais financiamento das políticas públicas, eles se juntaram porque era a única forma. A gente ia desistir? Virar as costas e ir embora? Não dá. É um vírus que entra na gente, e a gente não consegue simplesmente desligar do que a gente fez." – SATO DO BRASIL

"A necessidade primeira de uma pessoa é a moradia – ter onde dormir, tomar banho, usar o banheiro, comer. A partir da venda das obras do Birico a gente tem mantido moradia para oito pessoas, pagando seis aluguéis há cerca de um ano. Agora a gente começa a se estruturar melhor, mas não queremos dar moradia para mil pessoas. Não é a gente que tem que fazer isso. Quem tem que fazer isso é o Estado. Nós só queremos provocar e mostrar que com R\$ 2.700,00 conseguimos tirar oito pessoas da rua. O que o Estado consegue fazer?" – ÁTILA FRAGOZO

- Coletivos e as ONGs:

- Dentro de um terceiro setor que assume formatos diversos, coletivos se colocam como um caminho alternativo e disruptivo em relação à figura das ONGs, desacreditadas em alguns contextos no que diz respeito ao seu real poder de transformação.

"Eu acredito muito em política pública. Isso é o que faz acontecer. Vou falar que os coletivos fazem a transformação? Hoje, sim. Mas anteriormente já veio a transformação de ONGs, que cuidavam daquele pessoal vulnerável, e viram que não dá certo. As ONGs não fizeram o trabalho delas. Os coletivos nascem dessa dificuldade das ONGs, porque elas tinham um trabalho [a fazer], receberam para isso e não deu certo. Os coletivos nascem realmente para fazer acontecer, porque são pessoas comprometidas e estão ali com um propósito." – CARMEN LOPES

"Sou ainda do tempo das ONGs e me parece que os coletivos de alguma forma superaram certo domínio [delas]. Nada contra as ONGs, o terceiro setor se organiza de diversas formas. Mas, para mim, o coletivo é realmente uma novidade. E é uma maneira muito interessante de se dar a articulação em torno de causas coletivas. Em relação à escala [do trabalho dos coletivos], você não tem nenhuma obrigação de substituir o Estado nem deve ter essa pretensão, porque senão a gente renunciaria ao nosso direito e ao nosso dever de exigir um Estado eficiente não apenas do ponto de vista econômico, mas do ponto de vista social." – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

- Pontos de reflexão:

- "Às vezes vem uma pessoa ajudar e acaba desestruturando todo o coletivo": como instituições da sociedade civil podem fortalecer os coletivos sem interferir nas características que lhes garantem potência, força crítica e capacidade de inovação, estabelecendo relações saudáveis e produtivas entre maneiras diferentes de estar no mundo?

- Como apoiar que as soluções desenvolvidas pelos coletivos ganhem escala a partir de um modelo de articulação em rede, quando tais soluções nascem a partir de uma atuação profundamente enraizada nos detalhes de cada território?
- Importância de diálogos abertos e frequentes entre os diferentes atores para que pontos de contato sejam identificados e novos modelos de apoio sejam construídos, inclusive no que diz respeito à prestação de contas. Exemplo: financiamento a projetos em aberto, desenhados a partir da vivência no território, e não de propostas preconcebidas – caso das hortas urbanas criadas na Cracolândia pela Casa Rodante após a constatação de que a maioria dos usuários era de migrantes com experiência em cuidar da terra.

"Existe um atrito quando o coletivo tem esse encontro com as instituições. A gente viveu isso, tivemos um aprendizado muito grande, porque entramos numa relação institucional como coletivo que começou a hierarquizar as nossas relações. Só que esse modo de relação era da instituição, não nosso. Até que a gente falou: 'Não, não, volta tudo. A gente decide todo mundo junto'. E foi ótimo. Tem sido um aprendizado tanto para nós quanto para a instituição. Tem o atrito, mas eu acredito que depois tem um encaixe. A gente vai se conhecendo e sabendo como a gente age, o que a gente faz." – ÁTILA FRAGOZO

"É interessante a colocação sobre o atrito institucional. Eu relembro minhas discussões com Ruth [Cardoso] quando a gente estudava a relação dos movimentos sociais com o processo democrático. Você tem uma superação da ditadura, tem um Estado democrático, e esse Estado por princípio tem que dialogar com os movimentos sociais. Isso causou esse mesmo atrito, exatamente pela ausência da institucionalidade. Movimentos grandes, como o Movimento Sem Terra (MST), tiveram que tirar CNPJ para conseguir dialogar com o Estado, veja só. Na medida em que você se relaciona com órgãos governamentais, isso é inevitável. Tentar achar soluções novas pode ser uma estratégia muito interessante." – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

REFERÊNCIAS & MATERIAIS DE INTERESSE

- A Craco Resiste, coletivo de resistência à violência policial e demais violações de direitos na Cracolândia: <https://bit.ly/3479qVi>
- Aparelhamento, coletivo de defesa da democracia e dos direitos humanos, como o direito à moradia: <https://bit.ly/3KFCGTB>
- Birico, coletivo de artistas de diversas linguagens dedicado ao fortalecimento de projetos na Cracolândia: <https://bit.ly/3qZxjHo>
- casadalapa, coletivo de artistas que realiza ocupações multiplataformas em espaços públicos e territórios compartilhados: <https://bit.ly/3tWBUW5>

- Centro de Convivência É de Lei, organização da sociedade civil que atua na promoção da redução de riscos e danos associados à política de drogas: <https://bit.ly/3FRZWdC>
- Coletivo Tem Sentimento, focado na geração de renda para mulheres cis e trans por meio da produção têxtil: <https://bit.ly/3qVFzn>
- Coletivo Transverso, dedicado à poesia e à arte urbana: <https://bit.ly/3rM4n4P>
- Frente 3 de Fevereiro, grupo transdisciplinar de pesquisa e ação direta sobre o racismo no Brasil: <https://bit.ly/3rJ6EOg>
- Jornalistas Livres, rede colaborativa de jornalismo pautado nos direitos humanos: <https://bit.ly/3tWBEg9>
- Mangueio, coletivo de fotografia e audiovisual: <https://bit.ly/358VeLN>
- Marcha das Mulheres Indígenas, articulação de mulheres indígenas de todos os biomas do Brasil: <https://bit.ly/3fRJobd>
- Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC), que luta por moradia na região central de São Paulo: <https://bit.ly/3GZ5R21>
- Mulheres da Luz, coletivo dedicado à promoção da cidadania e à garantia de direitos para mulheres em situação de prostituição em São Paulo: <https://bit.ly/3rGX3Y2>
- Pagode na Lata, coletivo que propõe ações de redução de danos na Cracolândia por meio da arte: <https://bit.ly/3fQko49>
- Paulestinos, coletivo de poesia visual que trabalha principalmente com lambe-lambes: <https://bit.ly/3nXbarg>
- Teatro de Contêiner Mungunzá, espaço cultural e social que abriga a Cia. Mungunzá de Teatro, coletivos como Birico e Tem Sentimento: <https://bit.ly/3rMcD4P>
- Teto, Trampo e Tratamento, coletivo que atende pessoas em situação de vulnerabilidade na Cracolândia por meio de estratégias de redução de danos: <https://bit.ly/3qXOmtm>